

# A ação da escrita e a escrita da ação na poética de Adrienne Rich

Juraci Andrade de Oliveira Leão\*

## RESUMO:

O presente texto discute a escrita da poeta e ativista política estadunidense Adrienne Rich bem como seu posicionamento crítico em relação aos sucessivos governos dos Estados Unidos da América. Sua obra revela a importância do discurso como um instrumento que possibilita transformações sociais e, por essa razão, ela busca fortalecer o poder das mulheres também na esfera política, principalmente, através do estabelecimento de uma relação mais próxima entre discurso e ação.

**Palavras-chave:** Política. Escrita. Ação.

## Introdução

O objetivo deste artigo é apresentar parte do resultado de uma pesquisa realizada sobre a poeta e ativista política estadunidense Adrienne Rich. Sua participação ativa nas mais diversas manifestações por melhores condições de vida das mulheres e sua extensa produção literária com conteúdo marcadamente político têm feito com que ela ocupe um lugar de destaque na esfera cultural norte-americana. Ela faz de seus versos um instrumento de denúncia do preconceito e das injustiças sociais presentes nesta sociedade. Sua postura crítica em relação à política adotada pelo governo estadunidense tem lhe propiciado visibilidade como poeta, mas também como intelectual. Rich tem usado essa expressividade na mídia para manifestar sua indignação com os rumos da política de seu país e engendra um discurso de ativismo político que assume um posicionamento crítico diante das consequências desastrosas dessa política.

Sua participação no movimento feminista somada ao engajamento político fizeram com que Rich, juntamente com outras críticas, forçasse, de certa maneira, a entrada e permanência das mulheres na esfera política. A percepção de que o poder está fundado, principalmente, no discurso faz com que a poeta não só busque fortalecer o discurso das mulheres, mas também requerer seu próprio reconhecimento como intelectual. Por essa razão, uma das principais reivindicações de Rich tem sido tornar legítimo seu lugar no campo de luta cultural. Sua relação com o poder se baseia na crítica ao poder instituído e no fortalecimento do poder instituinte, capaz de ir além da mera participação nas instituições. Diante da relevância de sua arte como um instrumento de questionamento e pressão no âmbito da esfera política, analisa-se, neste artigo, a posição da poeta como intelectual que participa crítica e ativamente das questões políticas de seu país e de sua interação com outros países.

## A intelectual na contemporaneidade

À luz da reflexão de alguns críticos, discute-se o papel dos intelectuais no mundo contemporâneo, principalmente no contexto estadunidense, buscando compreender como Rich tem ressignificado os espaços de resistência política por meio da escrita. Procura-se focar a obra de Rich, como escritora e poeta, para verificar de que forma ela legitima seu discurso em um espaço ainda tradicionalmente masculino e de que modo rompe com o discurso patriarcal – base de sua educação formal – e busca

revelar outras experiências em seu fazer literário e em seu discurso político. Investiga-se como sua escrita reflete a intenção de diminuir o distanciamento entre a intelectual e seus leitores e de que maneira a poeta articula sua posição política, que parte de uma formação intelectual tradicional para uma prática que se ajusta à lógica moderna, destacando as possíveis contradições e tensões que daí resultam.

A globalização e o avanço tecnológico da modernidade têm colocado novos desafios para os intelectuais que se veem cada vez mais dependentes dos meios de comunicação. Para Vera Lúcia Follain de Figueiredo: “A mídia é, hoje, o grande espaço de divulgação e legitimação dos discursos [...]” (2004, p. 146). Reconhecendo que o discurso é seu principal instrumento de trabalho, os intelectuais procuram manter, atualmente, uma relação de proximidade com a mídia. Tal relação, na maioria das vezes, revela-se frágil, pois os intelectuais, para corresponder às expectativas dos meios de comunicação, acabam se submetendo à lógica midiática e traindo seus ideais ou, ainda, não se sujeitam à mídia, mas correm o risco de serem esquecidos ou ignorados. A preocupação com a mídia, que é controlada por grupos econômicos, tem feito com que eles priorizem aspectos mercadológicos em prejuízo às adesões a valores humanistas que muitas vezes entram em conflito com interesses econômicos e sociais.

Os intelectuais de hoje já não conseguem falar de tudo como supostamente faziam no passado devido à tempestade de informações e à efemeridade dos fatos. Seus grandes desafios têm sido conseguir acompanhar a quantidade e a velocidade dos acontecimentos no mundo contemporâneo para serem capazes de atender ao imediatismo imposto pelos meios de comunicação. A complexidade que envolve os intelectuais, na atualidade, está associada ao desconforto causado tanto pelas crises nos valores universais, quanto pela proliferação cultural ocorrida a partir do século XX. Por isso, é importante repensar esse papel tendo como base uma nova realidade.

O intelectual palestino Edward Said, residente nos Estados Unidos desde sua adolescência, considera essas razões e procura abordar em seu livro *Representações do intelectual* as questões que têm reconfigurado a condição dos intelectuais na sociedade moderna. É compreensível que as constantes transformações sociais influenciem e atinjam também suas vidas, mas Said problematiza a forma como os intelectuais têm incorporado os novos valores. Segundo o autor, atualmente é o profissionalismo que os ameaça:

Por profissionalismo eu entendo pensar no trabalho do intelectual como alguma coisa que você faz para ganhar a vida, entre nove da manhã e cinco da tarde, com um olho no relógio e outro no que é considerado um comportamento apropriado, profissional – não entornar o caldo, não sair dos paradigmas ou limites aceitos, tornando-se, assim, comercializável e, acima de tudo, apresentável e, portanto, não controverso, apolítico e ‘objetivo’ (SAID, 2005, p. 78).

Essa objetividade e adequação a um determinado comportamento do intelectual moderno impedem que seu trabalho se desvincule de forças controladoras. Os filósofos do passado, que em certa medida tinham mais liberdade e autonomia para produzir seus saberes, foram substituídos pelos “profissionais” do presente que se veem cada vez mais atrelados às pressões mercadológicas. Com a efervescência das informações reproduzidas pelos meios de comunicação de massa e a emergência em dar respostas aos acontecimentos, os intelectuais revelam a incapacidade de abarcar a totalidade. Por isso, assim como ocorre com a maioria das profissões, eles também estão sujeitos à especialização frente ao mercado cada vez mais amplo e diversificado. Por outro lado, a especialização é uma forma de engessar o pensamento à medida que restringe a área de conhecimento. De acordo com o autor: “A especialização também mata os prazeres do arrebatamento

e da descoberta, ambos irredutivelmente presentes na índole do intelectual” (SAID, 2005, p. 81). Especificamente no campo literário, a especialização tem significado, com grande frequência, priorizar a arte que se orienta por metodologias e teorias impessoais, desconsiderando por vez a história, a música ou a política (SAID, 2005, p. 81). Esses argumentos do autor nos levam a concluir que a impessoalidade, no campo intelectual, tem limitado as possibilidades do uso do conhecimento na busca por transformações sociais e aumentado a distância entre os intelectuais e as pessoas que eles supostamente querem representar.

De maneira análoga, Max Weber já apontava, no começo do século XX, a especialização como a principal prerrogativa do “trabalhador científico”. Em uma palestra proferida na Universidade de Munique, em 1918, o sociólogo, ao discutir a Ciência como vocação, afirma: “[...] a Ciência entrou numa fase de especialização antes desconhecida [...]” (1982, p. 160). Para o autor, o que garante a realização do trabalho científico são a dedicação e o esforço da especialização, mas o envolvimento afetivo com o trabalho não pode ser deixado de lado. Weber demonstra que a concepção da Ciência é comumente associada ao “intelecto frio” em contraposição ao “coração e a alma” (WEBER, 1982, p. 161). O sociólogo parece apontar a desvantagem do trabalho unicamente mecânico e objetivo do conhecimento, por isso traça um paralelo entre o trabalho científico e o trabalho artístico. Esse paralelo demonstra que ambos dependem do esforço e dedicação, mas o trabalho artístico se prima principalmente pelo envolvimento emocional com seu objeto de arte. Segundo Weber, “[...] a dedicação íntima à tarefa, e apenas ela, deve elevar o cientista ao auge e à dignidade do assunto a que ele pretende servir. E isso não difere quanto ao artista” (1982, p. 163). Sendo assim, o envolvimento e a familiaridade que mobilizam o artista na composição de sua arte deveriam mobilizar também o cientista no exercício de sua tarefa.

A “inspiração” em relação à pesquisa do trabalho científico, geralmente ignorada no meio intelectual, é tão relevante quanto o esforço árduo do cientista. Para Weber: “Cientificamente, a ideia de um diletante pode ter a mesma influência, ou ainda maior, para a Ciência que a ideia de um especialista. Muitas de nossas visões são devidas, precisamente, a diletantes” (1982, p. 161). Por isso, o autor estabelece um contraponto entre o perito e o diletante no que se refere ao resultado de uma ideia. No entanto, deixa claro que tanto o trabalho árduo do perito quanto o “entusiasmo” do diletante são fundamentais para a obtenção de resultados no trabalho científico. Weber desmistifica a separação entre a vida pessoal e o trabalho do cientista. Nesse sentido, reforça a importância do diálogo do cientista com o mundo exterior. Ressalta, ainda, que somente a dedicação ao trabalho na elaboração de uma ideia não garante o resultado da atividade do especialista, mas a liberdade e o desprendimento do exercício dessa tarefa é que promovem a ideia que, em geral, ocorre nos momentos mais inusitados.

A valorização do diletantismo observada em Weber encontra eco na discussão do profissionalismo em Edward Said. Ao pensar nos intelectuais como profissionais, Said afirma: “A ameaça específica ao intelectual hoje, seja no Ocidente, seja no mundo não ocidental, não é a academia, nem os subúrbios, nem o comercialismo estereotipado do jornalismo e das editoras, mas antes uma atitude que vou chamar de profissionalismo” (2005, p. 78). Se Weber já criticava o aspecto puramente racional da Ciência, Said descaracteriza o aspecto propriamente econômico da posição dos intelectuais na sociedade. A profissionalização modela o comportamento dos intelectuais. A preocupação em preservar suas imagens diante da opinião pública acaba minando uma possível conduta de assumirem o papel de articuladores na representação de uma filosofia, visão ou atitude que desafie o poder. Nesse sentido, os intelectuais de hoje têm se tornado previsíveis, pois estão sempre prontos a dar respostas que, na maioria das vezes, são aquelas já esperadas.

As palavras “diletantismo” e “amadorismo” possuem conotações positivas no contexto descrito por Weber e Said, respectivamente. O diletantismo, da forma como é empregada pelo sociólogo, considera como diretriz do “trabalho científico” a paixão no lugar da obrigação; da mesma forma, o amadorismo, no trabalho intelectual sugerido por Said, desconsidera seu caráter primordialmente econômico, pois o amadorismo, compreendido nesses termos, refere-se ao exercício da atividade por gosto, sem considerar somente o retorno financeiro. Diz o autor: “[...] chamarei essa atitude de *amadorismo*, literalmente uma atividade que é alimentada pela dedicação e pela afeição, e não pelo lucro e por uma especialização egoísta e estreita” (SAID, 2005, p. 86). Ao sugerir que os intelectuais assumam uma posição de amadorismo, Said instiga os indivíduos ao exercício da autonomia em relação ao conhecimento e pensamento. Do “trabalhador científico” eram esperadas supostas certezas, já os intelectuais contemporâneos deveriam se mostrar mais reflexivos e indagadores sobre o mundo a sua volta:

[...] o espírito do intelectual como um amador pode transformar a rotina meramente profissional da maioria das pessoas em algo muito mais intenso e radical; em vez de se fazer o que supostamente tem que ser feito, pode-se se perguntar por que se faz isso, quem se beneficia disso, e como é possível tornar a relacionar essa atitude com um projeto pessoal e pensamentos originais (SAID, 2005, p. 86-87).

Esse desprendimento enfatizado tanto por Weber como por Said não torna inválida a responsabilidade e compromisso com o trabalho tanto dos cientistas quanto dos intelectuais. Na verdade, ambos demonstram que a fidelidade aos princípios éticos de responsabilidade está além do meramente profissional e, por esta razão, instigam os indivíduos a refletirem sobre o papel deles no mundo contemporâneo.

Adrienne Rich parece incorporar em seu trabalho intelectual essas características debatidas pelos dois teóricos. A poeta tem demonstrado, através de seus poemas, ensaios críticos e entrevistas, seu compromisso primordial com o discurso que tensiona e desestabiliza o poder instituído. Sua arte não se limita a “metodologia e teorias impessoais”, como observa Said; ao contrário, a poeta procura priorizar sempre as questões sociais e políticas relacionadas ao seu tempo e espaço em seu discurso, mas também transita pela história e a música, entre outras manifestações culturais da modernidade. Dessa forma, podemos concluir que seu posicionamento como intelectual está mais próximo ao diletantismo do que à especialização, pois Rich se mantém em constante diálogo com o mundo exterior.

Também em relação ao amadorismo proposto por Said, Rich parece se ajustar, pois ela tem assumido, desde o início da carreira, sua postura publicamente, desafiando a estrutura de poder na sociedade estadunidense. Em 1997, a poeta recusou a National Medal for the Arts, oferecida pelo Presidente Bill Clinton a doze artistas. Esse fato revela seu compromisso como intelectual que não sucumbe à persuasão do poder institucionalizado. Sua atitude, ao publicar a carta que enviou à Casa Branca explicitando as razões que a levaram a tomar tal decisão, revela, por um lado, sua despreocupação em preservar a imagem de uma poeta de prestígio mediante a opinião pública e, por outro lado, reforça a intenção de manter outra imagem, ou seja, como aquela que tem a coragem de dizer não ao poder instituído. Na verdade, Rich se recusa a receber o destaque na imprensa como uma artista reconhecida pelo então presidente dos Estados Unidos, mas se apropria desse reconhecimento para articular outro discurso que coloca às avessas as intenções desse presidente.

Rich consegue articular e negociar com a mídia, abrindo espaços para não somente criticar os equívocos da autoridade suprema estadunidense, mas também legitimar seu lugar como uma intelectual que radicaliza e se posiciona contra o poder estabelecido. Nessa relação com os meios de comunicação, ela procura sempre não ceder sua visão de mundo em troca de sua visibilidade na mídia.

## Escrita e poder

No entrelaçamento entre escrita e poder Rich funde poesia e ativismo político. A poeta e intelectual tem se recusado a atrelar-se ao poder e usa a escrita como o principal instrumento de luta. Nesse sentido, apoiada no argumento de que “[...] a palavra sempre foi a principal arma do intelectual” (FIGUEIREDO, 2004, p. 143), Rich tem conseguido fazer da escrita um poderoso instrumento de luta pela transformação social. Para a teórica política alemã Hannah Arendt:

O poder só é efetivado enquanto a palavra e o ato não se divorciam, quando as palavras não são vazias e os atos não são brutais, quando as palavras não são empregadas para velar intenções, mas para revelar realidades e os atos não são usados para violar e destruir, mas para criar relações e novas realidades (FIGUEIREDO, 2001, p. 212).

É essa fusão que Rich idealiza em sua arte. A poeta, ecoando com frequência as reflexões de Arendt – mesmo que, por vezes, criticamente –, reforça a necessidade da interdependência entre “a palavra e o ato”, ou seja, entre o discurso e a ação. Para Rich, é preciso “[...] no ato da escrita, sentir nossas próprias ‘questões’ encontrando as ‘questões’ do mundo, reconhecer como estamos no mundo e o mundo em nós”<sup>1</sup> (2003, p. 27, tradução nossa). É através da experiência da escrita que Rich estabelece seu vínculo com o mundo. A poeta procura, através das palavras, “revelar realidades” sobre si mesma e sobre o mundo ao seu redor. Sua afirmação citada acima reflete ainda a adesão ao pensamento de Arendt quando a teórica alemã afirma: “Na ação e no discurso, os homens mostram quem são, revelam ativamente suas identidades pessoais e singulares e, assim, apresentam-se ao mundo humano [...]” (2001, p. 192). Sendo assim, é por meio dessa revelação que seu discurso alcança a esfera pública.

Contudo, embora seja evidente o diálogo constante de Rich com a teoria de Arendt, notamos também que, em seu ensaio “Conditions for Work” (Condições de trabalho), a poeta tece críticas duras à teórica. Em sua visão:

A discussão das mulheres como as trabalhadoras na reprodução, das mulheres como operárias na produção, do relacionamento do trabalho não remunerado das mulheres no lar propiciando a separação entre esfera ‘privada’ e ‘pública’, do corpo das mulheres como mercadoria – essas questões não foram levantadas pela primeira vez nos anos 60 e 70; elas já tinham sido documentadas nos anos 50, quando *A condição humana* estava sendo escrita. Arendt mal e mal faz referência, em geral em pé de página, ao compromisso de Marx e Engels com esse tema; e ela escreve como se o trabalho de Olive Schreiner, Charlotte Perkins Gilman, Emma Goldman, Jane Addams, para citar somente algumas escritoras, não tivesse existido<sup>2</sup> (RICH, 1995, p. 211-212, tradução nossa).

Rich não desconsidera a relevância do trabalho intelectual de Arendt, mas condena a atitude da autora ao ignorar a questão do gênero em seu livro *A condição humana*. Para a poeta, Arendt não somente negligencia a participação das mulheres no processo de trabalho no mundo moderno, mas também ignora as contribuições das feministas que já haviam abordado a questão do papel das mulheres na sociedade contemporânea. Se, por um lado, a poeta critica Arendt por deixar de lado a questão do gênero em *A condição humana*, por outro lado, percebemos também que, Rich, em muitos momentos, apropria-se do pensamento dela, como, por exemplo, ao afirmar: “A questão da sobrevivência econômica em manter o trabalho de alguém é terrivelmente real, mas as questões mais terríveis permanecem mais profundas como quando uma mulher é forçada, ou se permite, levar uma

vida censurada”<sup>3</sup> (1995, p. 211, tradução nossa). Essa passagem parece reproduzir o pensamento de Arendt quando afirma que “[...] ser escravo e prisioneiro de si mesmo é tão ou mais amargo e humilhante que ser escravo de outrem” (2001, p. 223). Rich retoma a ideia de Arendt para reforçar a opressão do gênero. Sendo assim, a poeta procura discutir as reflexões da teórica, mas sob a ótica do feminismo. Ao unir, por meio da ação nos termos de Arendt, escrita e ativismo político, Rich pretende criar espaços para relações mais fraternas entre os seres humanos. Para ela, a coerência do trabalho intelectual depende da possibilidade de ação engendrada pelo discurso e também pela escrita.

Rich vem demonstrando, através da arte, suas indagações em relação à ideia da nação. Ela não descarta a importância da identificação com a nação, mas procura dissociar o discurso de busca pelas raízes culturais daquele que propaga e perpetua o patriotismo exacerbado. Segundo a poeta:

Como mulheres, eu penso que é essencial que reconheçamos e investiguemos nossas identidades culturais, nossas identidades nacionais, mesmo se rejeitarmos o patriotismo, o jingoísmo, o nacionalismo oferecido a nós como ‘o estilo americano de vida’. Talvez a desilusão mais arrogante e malevolente do poder norte-americano – do poder ocidental branco – tenha sido a desilusão do destino, que o branco está no centro, que o branco é dotado de certo direito ou missão para julgar, esquadrihar, assimilar e destruir os valores de outros<sup>4</sup> (RICH, 1986, p. 183, tradução nossa).

Essa passagem revela sua consciência do poder de seu país que age no sentido de violar e devastar outras culturas. Assim, mesmo tendo sido orientada durante toda a vida a valorizar e se identificar com sua nação, a poeta busca repensar as bases desse discurso que tem garantido a própria supremacia destruindo os valores culturais de outros povos, principalmente em termos do papel da mulher. Em seu ensaio, “North American Tunnel Vision” (Cegueira Norte-Americana), relata:

Como uma feminista nos Estados Unidos, parece-me necessário examinar a forma como nós participamos da tendência chauvinista cultural norte-americana. A crença inconsciente de que os brancos norte-americanos possuem o direito superior de julgar, selecionar e esquadrihar outras culturas e de que nós somos mais ‘avançados’ que as outras pessoas desse hemisfério. (E que esse chauvinismo cultural se alimenta constantemente do racismo). Até mesmo quando analisamos e rejeitamos o chauvinismo patriarcal, até quando nos desvinculamos desses princípios destrutivos e expressamos outros valores, nós trazemos em nós – eu tenho encontrado em mim mesma – não somente uma branca, mas especificamente uma cegueira norte-americana<sup>5</sup> (RICH, 1986, p. 162, tradução nossa).

Como a citação acima mostra, a autora reconhece as dificuldades do rompimento com a visão de que os Estados Unidos são uma nação soberana e faz autocrítica em relação à sua própria alienação. Rich assume que ela não somente está inserida nesse contexto como também, por vezes, sente-se envolvida e acaba por reproduzir essa soberania. Como intelectual, vê-se na obrigação de não deixar cristalizar esses valores que têm servido como justificativa para inferiorizar e massacrar o outro. Por ter essa visão crítica em relação ao poder legitimado que vem do centro é que a poeta investe na descentralização da cultura hegemônica e passa a apostar no reconhecimento das diversas produções culturais que vêm brotando nas margens. Rich tem procurado, nos últimos anos, investigar e compreender a fronteira como um espaço de produção cultural.

Em seu ensaio “A poet’s education” (A educação do poeta), ela intercala os textos dos poetas norte-americanos de origem mexicana Jimmy Santiago Baca e Gloria Anzaldúa. Baca, assim como

Anzaldúa, fala da importância da margem na definição de sua identidade. Rich demonstra de que forma o bilinguismo, pois ambos mesclam o espanhol e o inglês em suas narrativas, foi determinante para a autoafirmação dos dois chicanos<sup>6</sup> como sujeitos em uma sociedade que discrimina e exclui o diferente. A poeta reitera a importância da linguagem, mas descaracteriza a poesia como sendo um privilégio de uma elite intelectual: “É mentira que poesia é somente lida por ou ‘fala para’ as pessoas nas universidades ou para uma elite de círculos intelectuais”<sup>7</sup> (RICH, 2003, p. 206, tradução nossa). O excerto de Baca, citado por Rich em seu ensaio, refere-se ao período em que ele era prisioneiro e encontra na escrita uma forma de se revelar: “Não havia nada mais humilhante do que ser incapaz de me expressar, minha desarticulação aumentava meu senso de risco, de estar em perigo”<sup>8</sup> (RICH, 2003, p. 209, tradução nossa). A incapacidade de expressão reforça o sentimento de inferioridade e impotência. No silêncio da prisão, o poeta desenvolve sua capacidade de se expressar. O cárcere lhe rende o envolvimento com a literatura e a paixão pela poesia. Em seu encontro com os poetas Neruda, Paz e Hemingway, através das leituras, Baca percebe que “A linguagem deles era a magia que podia me libertar de mim mesmo [...]”<sup>9</sup> (RICH, 2003, p. 207, tradução nossa). Rich mostra, nesse ensaio, como Anzaldúa e Baca se articulam por meio da fronteira cultural e fazem dela um lugar de crítica constante. Baca afirma: “Eu comecei a aprender minha própria língua, as palavras e frases bilíngues explicando meu próprio lugar no universo [...]”<sup>10</sup> (RICH, 2003, p. 207, tradução nossa). Através do texto bilíngue, Anzaldúa revela o traço fronteiro das identidades chicanas. Rich busca, portanto, no diálogo com esses escritores, reconhecer a margem como um lugar de produção cultural.

Através da publicação de seus ensaios críticos e entrevistas, percebe-se que a poeta tem buscado compreender e valorizar o trabalho de outros poetas marginalizados. Assim como os intelectuais diaspóricos que flutuam entre uma e outra cultura, Rich busca mostrar que sua posição em relação à escolha sexual também é ambivalente em uma sociedade que discrimina aquele que é socialmente diferente. Embora haja semelhanças em relação ao lugar que ocupam na sociedade, é preciso reconhecer que o fato de ser ela uma norte-americana criticando a própria nação pode ter consequências menores para si do que terá para os intelectuais que estão na fronteira. Não se trata de medir qual discriminação é mais intensa e sim perceber que, em um país onde o patriotismo é exacerbado, a questão da origem pode, por vezes, se sobrepor à questão do gênero. No entanto, nota-se também que a poeta tem uma postura responsável diante do que escreve e defende. Em seu ensaio “The Muralist” (A muralista) publicado na coletânea *What Is Found There: Notebooks on Poetry and Politics* (O que é encontrado lá: agendas sobre poesia e política), Rich afirma:

Dizer que um poeta é sensível e responsável – o que pode significar? Para mim, isso significa que ela ou ele é livre para se tornar artisticamente mais complexo, sério e integrado quando mais consciente das grandes questões dela ou dele, em seu próprio tempo. Quando a mente do criador é estendida ao máximo pelas demandas de seu tempo – não das modas e modismo, das rodinhas sociais, dos elegantes e das propagandas políticas, mas das mensagens profundas de crise, da esperança, do desespero e da visão, das vozes anônimas, que pulsam através da comunidade humana como sinais de desequilíbrio e doença, o renascimento do pulso através do corpo humano<sup>11</sup> (RICH, 2003, p. 52-53, tradução nossa).

Através dessa passagem, a poeta demonstra duas questões que perpassam a figura dos intelectuais de hoje. A primeira refere-se à banalização do trabalho dos intelectuais modernos que têm cada vez mais se distanciado das questões relacionadas à opressão e sofrimento dos seres humanos em resposta às demandas dos modismos presentes nos meios de comunicação de massa. A segunda diz respeito ao seu compromisso e responsabilidade em defender os ideais de uma sociedade mais justa e igualitária.

## A escrita da ação e ação da escrita

Em seu ensaio “Power and Danger: Works of a Common Woman” (Poder e perigo: trabalhos de uma mulher comum), Rich demonstra a importância da linguagem como um mecanismo de transformação social. Para ela, “[...] enquanto nossa linguagem for inadequada, nossa visão permanecerá sem forma, nosso pensamento e sentimento estarão percorrendo os velhos ciclos, nosso processo será ‘revolucionário’, mas não ainda transformador”<sup>12</sup> (RICH, 1995, p. 247-248, tradução nossa). A articulação das ideias é um exercício que deve se materializar através da escrita. Para Rich, o poder está na retórica, na capacidade de articular a fala que seja suficiente não somente para a compreensão do processo de submissão, mas que seja também capaz de responder e combater o discurso dominante. Entretanto, a poeta deixa claro ainda que não tem a pretensão de atingir transformações concretas na sociedade, somente através da escrita poética ou literária, como ela mesma pontua na introdução de *What Is Found There* (O que é encontrado lá), ao afirmar que “a poesia não pode nos dar as leis, instituições e os representantes; os antídotos que precisamos: somente o ativismo público através do número massivo de cidadãos pode fazer isso”<sup>13</sup> (RICH, 2003, p. xviii, tradução nossa). Ela reconhece que na solidão o indivíduo se torna fraco. Por isso, mais uma vez, é possível aproximar a visão de Rich à de Arendt quando esta afirma: “[...] a ação jamais é possível no isolamento. Estar isolado é estar privado da capacidade de agir” (ARENDRT, 2001, p. 201). É, portanto, na união com os outros e através da combinação entre consciência e ação política que as mudanças sociais se tornam possíveis. O papel dos intelectuais, nesse processo, segundo Rich, é importante à medida que possam assumir uma posição corajosa de denúncia das injustiças sociais.

Rich tem demonstrado, através de sua escrita, um compromisso cada vez maior para criticar e denunciar o poder público. Em seus ensaios críticos e nas entrevistas concedidas pela autora, ela reforça de forma explícita seu interesse em fazer da escrita um instrumento que contribua com as transformações sociais. Por essa razão, procura fazer com que sua arte, nesse caso a poesia, possua ritmo e musicalidade, mas que possa ser também um instrumento que abranja a questão política, rechaçando a ideia de que a arte não possa estar associada à política. Ela deixa claro que a poesia precisa estar cada vez mais associada à ação política, como afirma em seu ensaio “Blood, Bread, and Poetry: The Location of the Poet” (Sangue, pão, e poesia: o local do poeta): “Eu sentia mais e mais urgentemente a dinâmica entre a poesia como linguagem e a poesia como um tipo de ação, aprofundando, queimando, esfolando, colocando-se em diálogo com o outro além do eu individual”<sup>14</sup> (RICH, 1986, p. 181, tradução nossa). Novamente a poeta faz repercutir a voz de Arendt para mostrar como a ação e o discurso são inseparáveis. As expressões “aprofundar”, “queimar” e “esfolar” têm a conotação de tirar o acabamento que encobre o conteúdo e dá uma aparência às coisas. Elas demonstram a intenção da autora em ultrapassar a superfície discursiva, fazendo com que sua escrita provoque incômodos e possa desnudar as relações sociais. Em outras palavras, Rich busca alcançar a tangibilidade da escrita. Sendo assim, a poesia não permanece na crítica puramente textual, mas se torna um elemento que propicia a efetivação da ação política. Por essa razão, em grande parte de sua poética, Rich prioriza os aspectos ideológicos em sua escrita que têm uma correspondência com a prática.

Sua intenção em politizar a poesia passa pela vontade de democratizar a linguagem. Por isso, mais uma vez, busca-se aproximar as reflexões do crítico Edward Said acerca do papel dos intelectuais na sociedade moderna à escrita de Rich, pois assim como Said, a poeta procura repensar sua função na sociedade e sua responsabilidade em relação à arte que produz. Ela busca dialogar com outros escritores marginalizados e valorizar a arte que não se prima pelo princípio mercadológico; ao contrário, em



sua visão, o intelectual precisa estar atento ao objetivo e tipo de arte que tem produzido. A poeta conclui seu ensaio “Sangue, pão e poesia” afirmando: “Esse tipo de arte – como a arte de tantos outros não canonizados na cultura dominante – não é produzida como uma mercadoria, mas como parte de uma longa conversa com os antepassados e o futuro”<sup>15</sup> (RICH, 1986, p. 187, tradução nossa). Segundo Rich, seguindo mais uma vez a linha de Arendt, é necessário que haja uma relação orgânica entre a poesia e a ação política que leva à transformação social (1986, p. 184). Sendo assim, uma das formas encontradas pela autora para compreender a importância que a escrita cumpre como forma de ação será partir da geografia mais restrita, ou seja, a partir da teorização do corpo nesse processo. Rich busca entender de que forma o corpo gendrado tem sido um espaço que não somente reflete as opressões sociais, como também resiste a essas imposições, abrindo caminho para uma ação política que se faz através da escrita.

### **Considerações finais**

Rich elege, em sua escrita, o trabalho de outras escritoras contemporâneas que discutem a importância da ressignificação do discurso que tem subjugado as mulheres. A poeta procura ainda se identificar e dialogar com algumas escritoras que, assim como ela, são marginalizadas por serem homossexuais, ou por serem de diferentes classes e etnias. Essas escritoras também acreditam no poder do discurso como elemento capaz de provocar tensões e desestabilizar o discurso hegemônico. No diálogo com elas, Rich demonstra a importância do trabalho intelectual e revela a fronteira como um lugar também de produção cultural.

A partir das reflexões de alguns intelectuais acerca de seu papel em relação ao poder na sociedade contemporânea, foi possível perceber o posicionamento de Rich nesse contexto. É visível ainda que a poeta tenha conquistado, ao longo de sua trajetória, um lugar de destaque na esfera intelectual estadunidense. Esse destaque é devido, principalmente, à postura crítica e contundente de Rich em relação às tiranias e injustiças dos Estados Unidos no relacionamento com o resto mundo. Também é verdade que essa foi a maneira encontrada por ela para conquistar seu próprio poder. Dileta e amadora nos termos classificados por Weber e Said, respectivamente, Adrienne Rich tem atrelado sua arte à crítica ao poder público. A poeta tem feito uso dessa visibilidade para, através de sua arte, tornar transparente as contradições da democracia em seu país.

Rich tem utilizado sua escrita para propiciar uma outra forma de poder: aquele que questiona as desigualdades, as barreiras, os limites e as violências do poder institucionalizado. Por essa razão, procura compreender os conflitos nas relações de gênero, mas também a discriminação em relação às mulheres, aos homossexuais, aos negros e aos grupos de diferentes etnias em seu país. Sendo assim, ela tem denunciado os mecanismos usados pelas instituições de poder para reprimir e inferiorizar as chamadas minorias nos Estados Unidos. Fica, portanto, evidente o compromisso de Rich com a visão do poder do discurso que, articulado na pluralidade, considera as múltiplas experiências pessoais e também políticas.

### **The action of writing and the writing of action in the poetic of Adrienne Rich**

#### **ABSTRACT:**

This text discusses the writing of the North-American poet and political activist Adrienne Rich as well as her critical position in relation to the successive governments of the United States of America. Her work reveals the importance

of discourse as an instrument which promotes social transformations, thus, she tries to strengthen women's power in the political sphere mainly through the establishment of a close relation between discourse and action.

**Keywords:** Politics. Writing. Action.

## Notas explicativas

- \* Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora Adjunta da Faculdade Pitágoras, Belo Horizonte, Minas Gerais.
- <sup>1</sup> [...] in the act of writing, to feel our own "questions" meeting the world's "questions," to recognize how we are in the world and the world is in us.
  - <sup>2</sup> The issue of women as the laborers in reproduction, of women as workers in production, of the relationship of women's unpaid labor in the home to the separation between "private" and "public" spheres, of the woman's body as commodity—these questions were not raised for the first time in the 1960s and 1970s; they had already been documented in the 1950s when *The Human Condition* was being written. Arendt barely alludes, usually in a footnote, to Marx and Engels's engagement with this theme; and she writes as if the work of Olive Schreiner, Charlotte Perkins Gilman, Emma Goldman, Jane Addams, to name only a few writers, had never existed.
  - <sup>3</sup> The question of economic survival, of keeping one's job, is terribly real, but the more terrible questions lie deeper where a woman is forced, or permits herself, to lead a censored life.
  - <sup>4</sup> As women, I think it essential that we admit and explore our cultural identities, our national identities, even as we reject the patriotism, jingoism, nationalism offered to us as "the American way of life." Perhaps the most arrogant and malevolent delusion of North American power – of White Western power – has been the delusion of destiny, that white is at the center, that white is endowed with some right or mission to judge and ransack and assimilate and destroy the values of other peoples.
  - <sup>5</sup> As a feminist, in the United States it seemed necessary to examine how we participate in mainstream North American cultural chauvinism, the sometimes unconscious belief that white North Americans possess a superior right to judge, select, and ransack other cultures, that we are more 'advanced' than other peoples of this hemisphere. (And this cultural chauvinism is constantly feeding itself on racism.) Even as we have analyzed and rejected patriarchal chauvinism, even as we try to disengage ourselves from its destructive principles and to express other values, we carry in us—I had been finding in myself—not only a white but a specifically North American tunnel vision.
  - <sup>6</sup> Termo usado na crítica literária para designar os descendentes mexicanos que residem nos Estados Unidos.
  - <sup>7</sup> It's a lie that poetry is only read by or 'speaks to' people in the universities or elite intellectual circles.
  - <sup>8</sup> There was nothing so humiliating as being unable to express myself, and my inarticulateness increased my sense of jeopardy, of being endangered.
  - <sup>9</sup> Their language was the magic that could liberate me from myself ...
  - <sup>10</sup> I began to learn my own language, the bilingual words and phrases explaining to me my own place in the universe.
  - <sup>11</sup> To say that a poet is responsive, responsible—what can that mean? To me it means that she or he is free to become artistically most complex, serious, and integrated when most aware of the great questions of her, his, own time. When the mind of the maker is stretched to the fullest by the demands of the time—not fads, vogues, cliques, chic, propaganda, but the deep messages of crisis, hope, despair, vision, the anonymous voices, that pulse through a human community as signs of imbalance, sickness, regeneration pulse through a human body.
  - <sup>12</sup> [...] as long as our language is inadequate, our vision remains formless, our thinking and feeling are still running in the old cycles, our process may be 'revolutionary' but not transformative.
  - <sup>13</sup> Poetry can't give us the laws and institutions and representatives, the antidotes we need: only public activism by massive numbers of citizens can do that.
  - <sup>14</sup> I felt more and more urgently the dynamic between poetry as language and poetry as a kind of action, probing, burning, stripping, placing itself in dialogue with other beyond the individual self.
  - <sup>15</sup> This kind of art—like the art of so many others uncanonized in the dominant culture—is not produced as a commodity, but as part of a long conversation with the elders and with the future.

## Referências

- ARENDDT, Hannah. *A condição humana*. Tradução de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.
- FIGUEIREDO, Vera Lúcia F. Exílios e diásporas. In: MORGATO, Izabel; GOMES, Renato C., (Orgs.) *O Papel do intelectual hoje*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004. p. 133-148.
- RICH, Adrienne. *Arts of the Possible: Essays and Conversations*. New York: W. W. Norton & Company, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Blood, bread, and poetry: Selected prose 1979-1985*. New York: W. W. Norton & Company, 1986.
- \_\_\_\_\_. *Dark Fields of the Republic: Poems 1991-1995*. New York: W. W. Norton & Company, 1995.
- \_\_\_\_\_. *On Lies, Secrets, And Silence: Selected Prose 1966-1978*. New York: W. W. Norton & Company, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Your Native Land: Your Life Poems*. New York: W. W. Norton & Company, 1993.
- \_\_\_\_\_. *What Is Found There: Notebooks on Poetry and Politics*. New York: W. W. Norton & Company, 2003.
- SAID, Edward. *Representações do intelectual: as Conferências Reith de 1993*. Tradução de Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- WEBER, Max. A Ciência como Vocação. In: WEBER, Max. *Ensaio de Sociologia*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1982. p. 154-183.

